

LIBER



**Dê voz
às crianças**

Crise e desperdício

Situação brasileira é pior que a do Haiti e de Honduras

A população brasileira em idade escolar (7 a 14 anos) era, em 1993, de 28,1 milhões. Desse total, 24,8 milhões estavam matriculados no ensino regular de 1º grau; 1,2 milhão participava de classes de alfabetização e 0,1 milhão já freqüentava o 2º grau. Isso significa que 2 milhões estavam fora da escola. É um número elevado em termos absolutos, mas que vem caindo ao longo dos últimos anos já que a população escolar cresce mais rapidamente que a população total do País (1 ponto percentual ao ano). Se essa situação se manter, o País iniciará o próximo século com uma escolarização de 95%, o que está próximo do nível dos países desenvolvidos. O problema, portanto, já não é o de falta de escolas, o que ocorre apenas em casos específicos de população dispersa ou afetada por circunstâncias especiais.

A repetência é reconhecida como um dos sintomas da crise do sistema escolar brasileiro. Ela é efetivamente elevada, mas o problema se revela ainda mais grave quando se verifica o fluxo da população escolar ao longo das 8 séries do 1º grau. Apenas 78 de cada mil es-

tudantes concluía, em 1992, o 1º grau em oito anos e 330 completavam o estudo básico, muitos após várias repetências. Em média, eles levaram 9,6 anos para completar as 8 séries e a sociedade gastou 18,7 anos-matrícula para cada graduado na 8ª série.

Internacionalmente desenvolveu-se uma metodologia com o objetivo de analisar o sistema educacional que apura, dentre outros dados, a Taxa de Eficiência (que considera eficientes os gastos em matrícula que resultam em conclusão do 1º grau). De acordo com os dados do MEC para o ano de 1992, a Taxa de Eficiência no País era de 41,1%, extremamente baixa para os padrões internacionais. No continente, apenas a República Dominicana apresenta um índice pior (24%). A taxa é de 99% no Canadá; 98% nos Estados Unidos; 92% em Cuba; 86% no Uruguai; 68% no Paraguai e 53% no Haiti, para citar alguns exemplos. Dentre 131 países a respeito dos quais a Unesco dispõe de dados, a situação brasileira só é melhor que a de Angola e Madagascar (36%), Comores (34%), República Dominicana (24%) e Guiné-Bissau (9%).

Desempenho dos alunos é fraco

O Brasil gasta muito e mal em educação. Se o desperdício fosse compensado por um ensino de qualidade, o problema seria apenas administrativo e econômico. O grave é que a maioria dos estudantes de 1º grau sequer chega a dominar o que os próprios professores definem como conteúdos mínimos. O problema, que é conhecido nacionalmente, revelou sua dimensão catastrófica ao ser estatisticamente comprovado, em 1990, pelo Sistema de Avaliação do Ensino Básico (SAEB) desenvolvido pelo Ministério da Educação com o apoio de organismos internacionais.

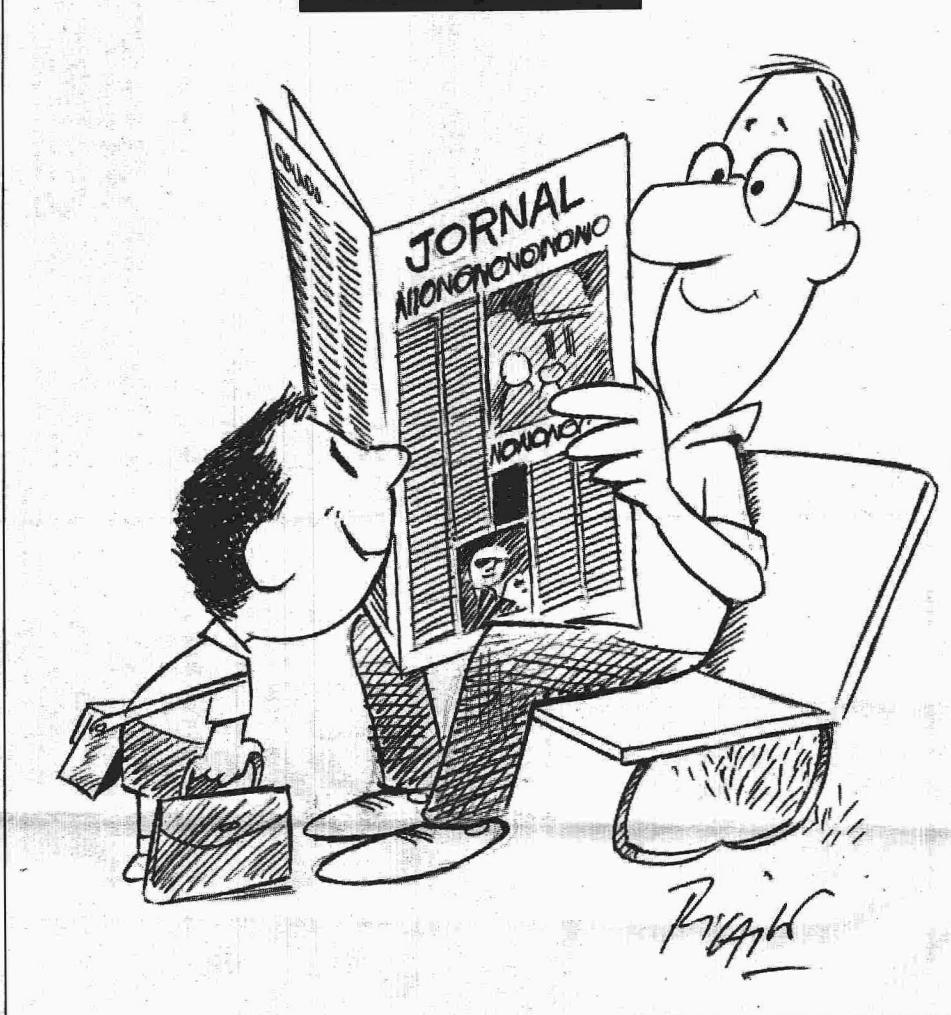
O Segundo Ciclo do SAEB, concluído no primeiro semestre deste ano, confirmou a gravidade da situação. Depois de aplicar testes (Português e Matemática para a 1ª e a 3ª séries e Português, Matemática e Ciências para a 5ª e a 7ª séries) em 133.091 alunos de 2.806 escolas em 23 estados, os pesquisadores constataram que a maioria dos estudantes está longe de dominar os conteúdos mínimos das disciplinas. A situação é mais séria em relação à Matemática: apenas 3,1% dos alunos de 5ª série ultrapassam os 50% do que é considerado conhecimento indispensável, sendo que o percentual dos que superam os 80% é zero. Na 5ª série o quadro não é muito diferente, já que apenas 5,9% dos alunos dominam mais de 50% do conteúdo mínimo e apenas 0,3% supera os 80% do mínimo. O melhor desempenho foi dos estudantes da 1ª série, em Português, com 19,3% dos alunos dominando de 90 a 100% do conteúdo mínimo da disciplina.

A gravidade da crise do ensino básico no

Brasil fica evidenciada quando se confrontam os dados do SAEB com pesquisas internacionais do mesmo tipo. Isso foi feito pelos responsáveis pela pesquisa e apresentado no relatório final. Comparando o desempenho de jovens brasileiros de 13 anos cursando a 5ª série em São Paulo e Fortaleza com os resultados de um estudo da organização norte-americana Educational Testing Service envolvendo adolescentes de 20 países com a mesma idade e o mesmo nível de ensino (embora nesse caso não necessariamente freqüentando a escola), constatou-se que:

- Em Matemática,
 - a) o Brasil só ficava em melhor situação que Moçambique;
 - b) os 5% melhores estudantes de São Paulo estavam no mesmo nível da média de todos os jovens da Coréia do Sul, de Formosa, da Suíça, da Hungria e da ex-União Soviética (CEI);
 - c) os 5% melhores de Fortaleza estavam num nível inferior à média dos países citados e próximos à média da França, de Israel e do Canadá.
- Em Ciências,
 - a) os 5% melhores de São Paulo estavam na mesma situação da média total da Coréia;
 - b) os 5% melhores de Fortaleza estavam abaixo da média geral da Coréia, de Formosa, da Suíça, da Hungria, da CEI, da Eslovênia e da Itália;
 - c) a média de Fortaleza estava abaixo do desempenho do 10% piores da Coréia, de Formosa, da Suíça e da Hungria.

RICARDO MELO



Melhoria a baixo custo é possível

A certeza de que é possível melhorar a qualidade do ensino público no Brasil a curto prazo e baixo custo levou a Câmara Americana de Comércio de São Paulo a desenvolver o Projeto Qualidade no Ensino, envolvendo inicialmente um pequeno número de escolas da periferia da capital paulista, com recursos dedutíveis do imposto de renda, doados por empresas filiadas à entidade.

Quando o projeto teve início, em 1991, 90% dos alunos de 4º série do 1º grau das escolas participantes do programa dominavam apenas 10% dos conteúdos curriculares mínimos. Além disso, a evasão e as reparações também eram elevadas. Hoje, 60% dos estudantes dominam 70% do currículo e a evasão e as

referências caíram 24%. Essa melhoria de desempenho escolar foi obtida com um gasto de US\$ 50 por ano, por aluno, 12% do que o governo estadual investe.

O projeto enfatiza o apoio aos professores pois a experiência tem demonstrado que o nível de aprendizado e de retenção dos conhecimentos melhora drasticamente quando os professores têm acesso a novas metodologias de ensino e condições de melhor planejar e preparar suas aulas. Por isso, além de reciclar os docentes e fornecer material pedagógico atualizado às escolas, a iniciativa inclui um adicional aos salários dos professores que participam do Horário de Trabalho Pedagógico (HTP), após as aulas normais.

LER é um projeto conjunto dos jornais afiliados à Associação Nacional de Jornais-ANJ. Publicado simultaneamente em todo o país, em comemoração ao Dia da Imprensa.

PRESIDENTE: Paulo Cabral de Araújo
Comitê de Leitura e Circulação:
 Pedro Pincioli Junior (Vice-Presidente)
 Roberto Clemente Santini (Diretor)
 Jarbas Nogueira (coordenador do Grupo Jornal na Educação)

Diretor Executivo: Edgar Lisboa
Edição e Redação: Carlos Alves Müller
Revisão: Maria Aparecida Borelli
Projeto Gráfico: Ricardo Melo
Fotos: Leandro Abreu e Roberto Castro
Composição e fotolitos: Correio Brasiliense

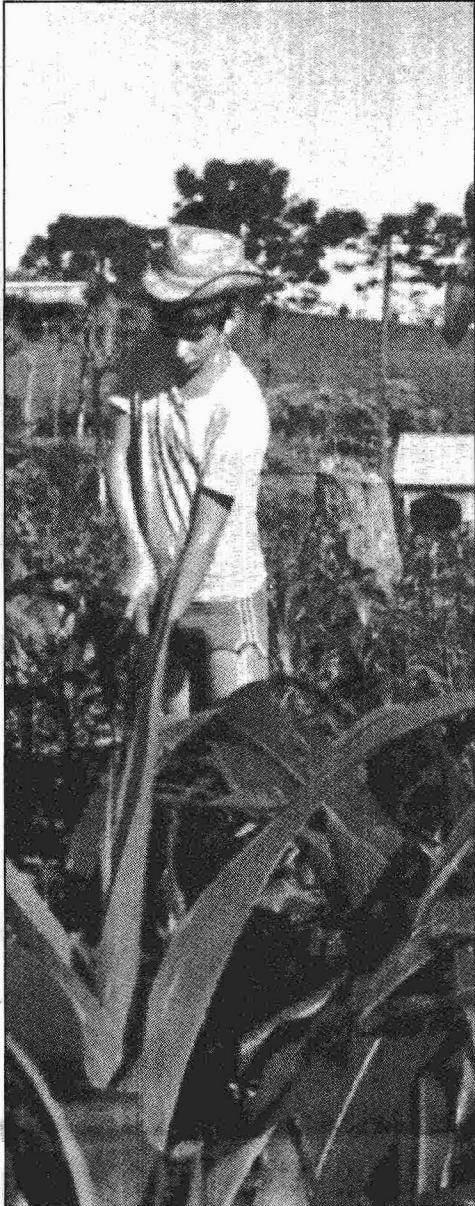
Menores no trabalho são oito milhões

A combinação de fatores como recessão, novas tecnologias, aumento da produtividade, desemprego e hipertrofia do setor informal gera aberrações terríveis na área trabalhista brasileira. Assim, num país que necessita crescer e carece, para tanto, de modernização em amplos segmentos de seu sistema produtivo - reproduz-se uma tendência observada já há algum tempo nos países desenvolvidos: o desemprego alcança também trabalhadores qualificados cuja formação é demorada e cara. O dado mais dramático, contudo, é que, enquanto o desemprego abate adultos arrimos de família, cerca de 8 milhões de crianças são despojadas da infância e obrigadas a trabalhar.

A situação é pior na área rural, onde estão 42,9% das crianças e dos adolescentes trabalhadores brasileiros e são menores as oportunidades de estudo, e as jornadas de trabalho chegam a 9 horas. Segundo o diretor para o Brasil da Organização Internacional do Trabalho (OIT), João Carlos Alexim, 60% das crianças e dos adolescentes que trabalham no campo não recebem pagamento de qualquer espécie, o que caracteriza a escravidão.

Na média, os trabalhadores precoces recebem um terço da remuneração de um adulto que exerce a mesma atividade. Considerando-se fatores como produtividade, isso significa que cada 3 crianças despojadas de seus direitos priva dois adultos de seu emprego contribuindo assim para transformar a situação numa espiral descendente já que o que em geral leva as crianças ao trabalho é o desemprego ou a baixa remuneração dos pais.

Leandro Abreu



Analfabetismo afeta 12,4% dos jovens

Analfabeto, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é aquele que não sabe ler ou escrever um bilhete simples. Nessa situação vivem 20% dos brasileiros maiores de 15 anos e 12,4% dos jovens entre 15 e 17 anos (na Argentina, no Chile e no Uruguai essa taxa não chega a 3%).

O analfabetismo, que impede que as pessoas atinjam a plena cidadania e tenham oportunidades de superar as condições em que nasceram, agrava também as desigualdades regionais uma vez que a população analfabeta está concentrada nas regiões mais pobres. O Nordeste e o Norte apresentam taxas 15% e 26%, respectivamente, o que equivale à situação de países como a Bolívia, Honduras e o Zaire. Na região Nordeste estão 68% dos analfabetos brasileiros, segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

Dos 4.491 municípios existentes no Brasil à época do Censo de 1991, cerca

de 1.000 tinham mais de 30% de seus adolescentes analfabetos e em 1.500 essa era a situação de mais de 20% dos jovens.

Nos 50 municípios com taxas de analfabetismo mais elevadas entre os adolescentes de 15 a 17 anos, os percentuais variavam de 54,18% a 81,23%, sendo que em 4 municípios os jovens analfabetos eram mais de 70%.

O recordista era Pauini (AM). Desses 50 municípios, 15 estão situados em Alagoas e 10 na Bahia.

No extremo oposto estão as regiões Sul e Sudeste, com 3,8% e 4,6% de adolescentes analfabetos, respectivamente. Dos 50 municípios com mais baixas taxas de analfabetismo - entre 0,00% e 1,28% -, 33 estão localizados no Rio Grande do Sul, 10 em São Paulo, 4 em Santa Catarina, e 1 no Paraná, 1 em Minas Gerais e 1 em Goiás. Dos 6 municípios onde não há um único adolescente analfabeto, 4 ficam no Rio Grande do Sul e 2 em São Paulo.

**EM 50
MUNICÍPIOS,
ANALFABETOS
ENTRE 15 E
17 ANOS
SUPERAM OS
54%**

Pressão demográfica diminui

A evolução demográfica brasileira nos próximos anos deverá tornar mais fácil o esforço nacional pela melhoria da qualidade do ensino. Essa é a conclusão a que chegaram os técnicos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), George Martine, José Alberto Magno de Carvalho e Alfonso Rodrigues Árias. Com base em dados dos Censos e das Pesquisas Nacionais por Amostra a Domicílio (PNADs), eles estimam que a queda da fecundidade da população, que se intensificou a partir da década de 70, se traduzirá em queda da população em idade escolar nos próximos anos, fazendo com que no ano 2000 existam 1,3 milhão de crianças com idade entre 5 e 14 anos a menos que em 1990.

A população em idade escolar em 2020, mantida a tendência recente, será de 32,7 milhões, e, se a evolução demográfica nos próximos 25 anos for a mesma do período 1940-

70, a população escolar deverá chegar a 77,8 milhões. A redução do crescimento demográfico nacional (que não é uniforme em todo o Brasil) leva os técnicos a acreditar que "deficiências crônicas no ensino de 1º grau no País, tais como cobertura insatisfatória, altíssimas taxas de evasão e repetência, baixa qualidade, baixa remuneração e baixa qualificação do corpo docente, têm agora uma oportunidade ímpar para serem sanadas".

A situação do mercado de trabalho é menos favorável que a da educação, pois somente a partir do ano 2000 a população em idade ativa começará a refletir a queda da taxa de fecundidade. Além disso, como o nível de emprego depende de um número maior de fatores, é mais difícil fazer projeções. Ainda assim, os pesquisadores do IPEA advertem que dificilmente se repetirá o quadro observado na década de

80, quando a pressão demográfica por trabalho foi absorvida pelo setor serviço e pela administração pública, em termos de emprego formal, e pela economia informal.

"Existem sinais de que esse quadro (atual) pode deteriorar, se não houver uma retomada de crescimento", afirmam no estudo *Mudanças Recentes no Padrão Demográfico Brasileiro e Implicações para a Agenda Social* acrescentando que "do ponto de vista demográfico o processo de urbanização vai continuar, assim como o aumento da participação da população feminina (no mercado de trabalho). Finalmente, a população de 15 a 49 anos deverá aumentar em 22,9 milhões na década de 90, sendo beneficiada pela redução da fecundidade apenas na primeira década do século XXI, quando terá um crescimento de 'apenas' 19 milhões."

BELAS ARTES

- ARQUITETURA E URBANISMO • ARTES PLÁSTICAS • EDUCAÇÃO ARTÍSTICA
- DESENHO INDUSTRIAL (PROGRAMAÇÃO VISUAL E PROJETO DO PRODUTO)
- BACHARELADO EM PINTURA, ESCULTURA OU GRAVURA
- BACHARELADO EM DESENHO (DECORAÇÃO DE INTERIORES)



FACULDADE DE BELAS ARTES DE SÃO PAULO
RUA DR. ÁLVARO ALVIM, 76 - VILA MARIANA - CEP 04018-010
SÃO PAULO - FONES: 549-7122 - 549-7332 - FAX: 549-7532

VESTIBULARES EM JANEIRO E JULHO

BELAS ARTES
100 ANOS

A ARTE DE FAZER
UMA TRADIÇÃO

Contradições no ensino da leitura

O ensino da leitura está envolto num emaranhado de contradições entre o que se supõe deva ser e o que realmente é. E o grande prejudicado é aquele que deveria ser o centro das atenções: a criança. A professora Angela Klieman, do Departamento de Lingüística Aplicada da Universidade de Campinas (Unicamp), sintetiza essas contradições na apresentação de um de seus livros, *Leitura - Ensino e Pesquisa*:

■ "Hoje em dia, por exemplo, ninguém diz acreditar que a leitura seja equivalente à decodificação e ao processamento de palavras; entretanto, muitas práticas de ensino desmentem esse fato... Ignora-se muitas vezes na prática o fato de a leitura ser a atividade cognitiva por excelência; o complexo ato de compreender começa a ser comprehensível apenas se aceitarmos o caráter multifacetado, multidimensionado desse processo que envolve percepção, processamento, memória, inferência, dedução..."

■ "Hoje em dia, dado o papel fundamental da escola e da escolarização no letramento, na aprendizagem e no desenvolvimento da criança, ninguém admite que o professor, figura central nessa escola, não tem afim papal a assumir. Entretanto, esse papel se reduz muitas vezes ao de fornecedor de estímulos para a elicitação de automatismos dentro das mais pobres das concepções behavioristas..."

■ "Da mesma forma, ninguém diria que o aluno é incapaz de aprender. Entretanto, o

aluno enquanto sujeito que, dada uma chance, usaria nas tarefas da escola capacidades já desenvolvidas em outros contextos, que procuraria dar sentido e coerência a essas tarefas, e que a partir da aprendizagem chegaria ao desenvolvimento de outras capacidades, não encontra espaço de ação na escola, nem mesmo na aula de leitura, dada a banalidade das atividades que são inventadas para preencher seu tempo de leitura nesse contexto."

■ "Muitos, hoje em dia, dizem acreditar na leitura como uma interação em que leitor e autor constroem um texto. Entretanto, poucos professores ensinam a criança a ouvir o autor nessa interação. O texto é percebido como coleção de elementos descontínuos, discretos; assim como não é necessário buscar coerência ou uma intenção argumentativa na lista telefônica, também não é necessário ir além da ligação atribuída pela inserção contígua, num mesmo espaço material, nessa lista de elementos a que se reduz o texto trivializado em contexto escolar..."

■ "Todos sabemos, hoje, que o bom leitor é aquele que lê muito e que gosta de ler, e concordaríamos em que o caminho para chegar a ser um bom leitor consiste em ler muito. Também sabemos que o fracasso contínuo desencoraja até o mais entusiasta... Entretanto, insiste-se, na escola, na utilização de apenas um tipo de texto, o texto didático, assim expondo a criança ao que há de mais inconsistente, incoerente e incompreensível em matéria de textos."

Roberto Castro/Correio Brasiliense



Tecnologia rima com cidadania

Projeto Cidadania é o nome de um programa da Escola do Futuro, da Universidade de São Paulo, destinado a despertar o aluno para a sociedade em que vive, através do recebimento, via computador, de textos jornalísticos e de mensagens de outros estudantes do Brasil e do exterior.

Segundo um dos responsáveis pelo projeto, professor Gilberto Martins, a Escola do Futuro não vê a informática apenas como uma ferramenta para modernizar o ensino, mas como um instrumento que possa colocar o aluno em contato com outras realidades. "Não adianta tecnologia avançada e novos métodos de ensino se não houver pessoal devidamente habilitado para isso", avverte Gilberto Martins, lembrando que a Escola do Futuro se preocupa também em treinar os professores das escolas conveniadas.

A área sob a responsabilidade do professor Martins chama-se "Leituras do Mundo Contemporâneo" e utiliza textos jornalísticos transmitidos via Internet. A intenção é fazer com que os alunos troquem informações via rede e venham a produzir seu próprio jornal. O projeto prevê ainda a constituição de hemerotecas informatizadas e jornais murais com o material elaborado conjuntamente.

Informática não elimina a linguagem escrita

O desenvolvimento da informática nas últimas décadas tem levado muitos autores a especular sobre o iminente desaparecimento dos jornais e até da palavra escrita. Não é para menos. Eugene Provenzo Jr., o autor do livro *Para Além da Galáxia de Gutenberg* (lançado em 1986!), dramatizou sua previsão com uma comparação: se a indústria automobilística tivesse evoluído no mesmo ritmo da informática desde a Segunda Guerra Mundial, seria possível "comprar, por US\$ 2.75, um Rolls Royce que faria 1.275km com um litro de gasolina e teria a potência de um transatlântico".

Dez anos depois da comparação de Provenzo Jr., a evolução segue acelerada mas nenhum especialista sério em tecnologia da informação apostava na iminente extinção da mídia impressa ou dos jornais em particular. Pelo contrário, Nicholas Negro-

ponte, fundador e diretor do Laboratório de Meios do Massachusetts Institute of Technology, um dos principais centros mundiais de pesquisa sobre a sociedade do futuro, acaba de publicar um livro (já lançado no Brasil com o título "A Vida Digital") justificando sua decisão de escrevê-lo ao invés de utilizar meios eletrônicos como a Internet com os seguintes argumentos: a) ainda não existem computadores suficientes; b) eles ainda não são fáceis de usar - "dificilmente desejariamos nos refestelar na cama" com um deles; c) sua coluna publicada pela revista *Wired* é um sucesso; d) a informática, mesmo os computadores multimídia interativos - "deixa pouco espaço para a imaginação... A palavra escrita, ao contrário, estimula a formação de imagens e evoca metáforas cujo significado depende sobretudo da imaginação e das experiências do leitor".

A última razão apontada por Negro-ponte indica que, mesmo que os computadores se tornem tão populares e portáteis como um radinho de pilha e capazes de entender e se expressar verbalmente, não provocarão o desaparecimento da linguagem escrita e, portanto, da necessidade de aprender a ler e a escrever. Mesmo que a tendência seja essa a longo prazo, até hoje nenhuma tecnologia levou à extinção de uma forma anterior de expressão (relato verbal, texto manuscrito, imprensa, cinema, rádio, tv, etc.). Além disso, levará ainda algum tempo para que se possa novamente fazer de forma oral tudo o que hoje se faz por escrito, inclusive graças aos computadores. E é ainda menos provável que a escrita e a leitura, a princípio de signos elementares, deixem de fazer parte da vida humana.

Métodos são inadequados

Metodologia de ensino é anterior ao século XX

A universalização do ensino básico, em particular a alfabetização e o domínio das quatro operações, foi uma exigência social decorrente da evolução moral do Iluminismo, política das Grandes Revoluções Burguesas e econômica da Revolução Industrial. Pela educação elementar estabeleciam-se a igualdade de oportunidades e a cidadania e ampliavam-se as habilidades produtivas dos indivíduos independentemente das deficiências de berço. Mesmo assim, até há pouco - em especial no Brasil e em outros países em desenvolvimento - era possível viver e até fazer fortuna com o que os antigos chamavam eufemisticamente de "poucas letras".

A situação, hoje, é inteiramente diversa. O desenvolvimento tecnológico e a globalização da economia colocam a educação - e não apenas a capacidade de ler e escrever um bilhete ou fazer uma operação simples - como um elemento decisivo para o futuro dos indivíduos e das nações. Mesmo nos países ricos, o aumento da produtividade gerado pelas novas tecnologias cria um problema de ocupação, se a sobrevivência está assegurada, e de reciclagem, para aqueles cujas atividades se tornam obsoletas.

O problema é ainda mais grave nas nações em desenvolvimento pois além da modernização tecnológica enfrentam a

perda da vantagem que até agora tiveram no mercado internacional, decorrente do baixo custo de sua mão-de-obra. Em ambos os casos, a solução passa pela readaptação de atividades, pela educação e pelo aperfeiçoamento. Todos supõem uma capacidade muito maior de compreensão, interpretação, elaboração e expressão do que a exigida de um operário fabril ou de um

portantes, realizadas sobre as causas do fracasso escolar, notadamente nas disciplinas científicas, mostram como causa maior desse fracasso o não-domínio da leitura". O problema está no ensino da leitura e da escrita. "Na França, 80% das classes de 1ª série utilizam métodos tradicionais de ensino da leitura". A essência desses métodos, segundo ela, é anterior ao início do século XX e "está em contradição total com os dados atuais sobre os processos de aprendizagem e, ao mesmo tempo, com aqueles que dizem respeito ao ato de ler".

Charmeux enfatiza que ler é um meio para encontrar respostas de que necessitamos ou um lazer, o que significa que ensinar a leitura "é colocar em funcionamento um comportamento ativo, vigilante, de construção inteligente de significação, motivado por um projeto consciente e deliberado, e isso desde o próprio início da escolaridade das crianças e mesmo antes que elas cheguem à escola". É nesse contexto que a autora sustenta que "só podemos aprender a partir de objetos sociais, concebidos para serem lidos e não para ensinar a leitura...", citando como exemplo os jornais, os outdoors, os mapas rodoviários, os poemas, os álbuns..., todos objetos de real leitura, de real prazer.

Livro didático ainda predomina

As transformações geopolíticas simbolicamente referidas à queda do Muro de Berlim e os sobressaltos da vida política e econômica brasileira ao longo dos últimos anos são mencionados com freqüência como prova das deficiências do livro didático como instrumento pedagógico. Apesar das críticas a que têm sido submetidos em função das deficiências de seus conteúdos, de seus preços e da defasagem cronológica entre o momento em que foram elaborados e o vivido pelos estudantes, os "livros-texto" estão presentes na maioria das pesadas pastas e mochilas escolares dos jovens brasileiros.

Segundo o professor Ezequiel Theodo da Silva, autor da apresentação do livro *Quem Engana Quem? Professor x Livro Didático*, de Olga Molina, diversas circunstâncias "empurram" os professores para o uso *inocente* do livro didático, dentre as quais as péssimas condições materiais de funcionamento das escolas, as condições de trabalho dos professores, os "programas oficiais" tendentes ao livresco, e as estratégias de marketing das editoras.

Os jornais e outras fontes de textos impressos são apontados com freqüência por especialistas em educação e pesquisadores como um instrumento pedagógico capaz de superar vários dos problemas associados ao li-

vro didático. Apesar disso, grande parte da bibliografia sobre metodologia do ensino, mesmo a relativa ao ensino da leitura e da escrita, desconsidera a imprensa como recurso instrucional.

Mesmo obras elaboradas com a intenção de auxiliar os pais e os professores a despertar o interesse dos jovens pela leitura, como o livro *Como Incentivar o Hábito de Leitura*, de Richard Bamberger, editado originalmente pela Unesco, caem na armadilha de considerar apenas o livro como objeto de leitura e instrumento para despertar o gosto por ela. Por esse motivo, embora alguns trabalhos pioneiros sobre como usar o jornal na educação tenham sido editados, a maioria do material de apoio a professores e alunos, quando se trata de utilizar jornais, tem sido produzido pelas próprias equipes responsáveis pelos projetos.



Roberto Castro/Correio Brasiliense

Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi. Decoreba: esse é o método de ensino. Eles me tratam como ameba e assim eu num raciocínio. Não aprendo as causas e consequências, só decoro os fatos. Desse jeito até história fica chato. Mas os velhos...

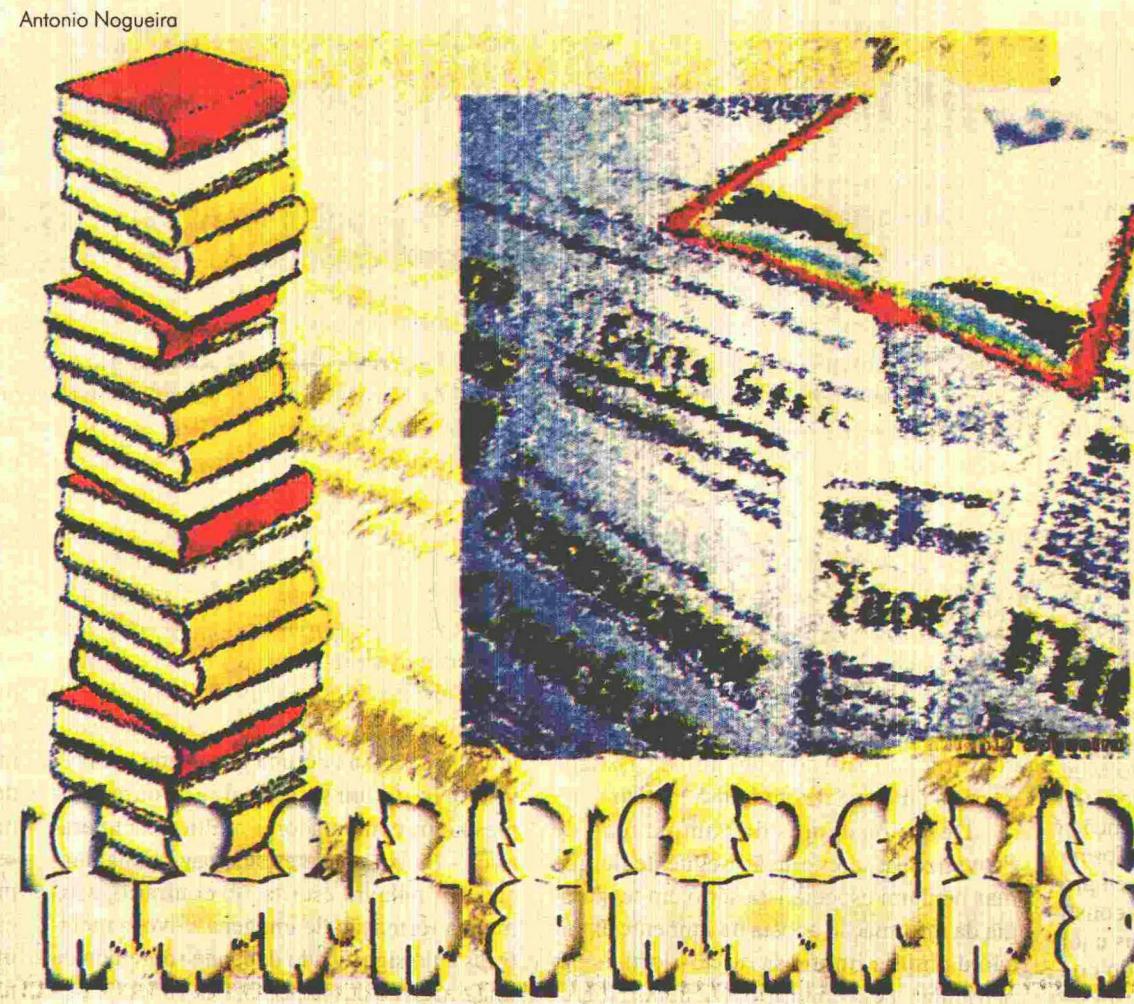
Trecho do rap "Estudo Errado", de Gabriel Pensador

burocrata em meados deste século.

Na base das habilidades mínimas necessárias ao cidadão deste fim de século estão a leitura e a escrita. Paradoxalmente, em todo o mundo há um mal-estar em relação aos sistemas educativos, devido à constatação de que adultos e jovens leem pouco e demonstram pequena capacidade para compreender o que leem. Segundo a pesquisadora Eveline Charmeux, autora de *Aprender a Ler: vencendo o fracasso*, "pesquisas im-

Europa e EUA também criticam

As críticas ao sistema educacional por sua falta de conexão com a realidade imediata dos estudantes e por sua incapacidade de prepará-los para os desafios da sociedade contemporânea não são uma exclusividade brasileira. "Inadequação de um ensino demasiado abstrato ou separado das realidades quotidianas, antipatia dos estudantes pelas matérias científicas e inércia dos sistemas educativos são alguns dos fatores que, em todos os países desenvolvidos europeus, explicam o que vem se transformando numa crise de recrutamento científico", afirma Christina Panotis, co-autora do livro *L'Etat des Sciences et Techniques*. A revista norte-americana *Business Week*, especializada em economia e negócios, dedicou à educação a matéria de capa de sua edição de 17 de abril deste ano. Já no início o texto é severo: "Os americanos estão fartos de suas escolas públicas. Os homens de negócios queixam-se que um número demasiado alto de candidatos a empregos são incapazes de ler, escrever ou fazer operações aritméticas simples".



Programa Jornal/Escola

Projeto envolve 23 jornais e 4510 escolas em vários estados

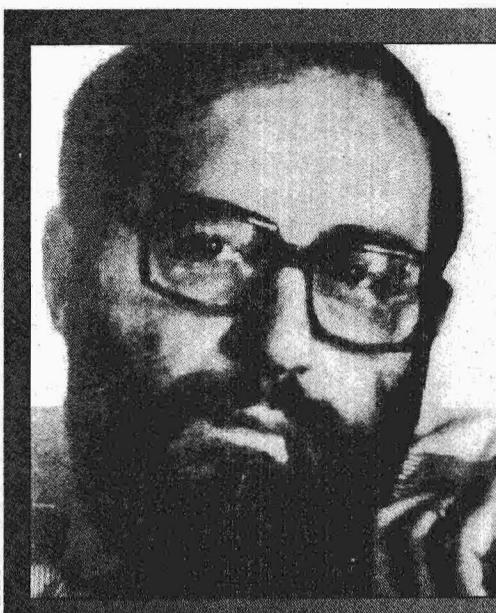


Um milhão de beneficiados

A utilização de jornais na educação vem crescendo rapidamente no Brasil. Atualmente 23 jornais mantêm programas do gênero por iniciativa própria, ou em parceria com governos estaduais e municipais. Em alguns casos, os projetos têm o apoio da iniciativa privada. Em 1995, um total de 4.510 escolas em nove estados do País participam da iniciativa beneficiando mais de um milhão de estudantes.

Há três anos, a Associação Nacional de Jornais, através de seu Comitê de Leitura e Circulação, desenvolve o Projeto LER, que inclui a publicação deste suplemento, com o objetivo de promover a utilização de jornais na educação. O Comitê mantém uma assessoria técnica encarregada de coordenar as atividades do gênero e de auxiliar as empresas jornalísticas na implantação de seus programas.

Em diversas Assembleias Legislativas e no Congresso Nacional tramitam projetos de lei relacionados com o uso de jornais em sala de aula e em outras situações pedagógicas. Por entender que os jornais são instrumentos de informação e de educação a distância por natureza e considerar que o desafio de erradicar o analfabetismo, melhorar a qualidade do ensino em todos os níveis e implantar mecanismos de reciclagem e aperfeiçoamento para adultos exige o esforço de todos, a ANJ tem apoiado as iniciativas governamentais e privadas nesse sentido.



"O problema não é fazer livros de textos 'melhores'. O problema é fornecer aos alunos e aos professores bibliotecas escolares ricas e uma tal disponibilidade para a realidade (a realidade dos jornais, da vida de todos os dias) que a aquisição de noções verdadeiramente úteis se dê através da livre exploração do mundo, da leitura dos jornais, dos livros de aventuras..." Umberto Eco é co-autor do livro *Mentiras que Parecem Verdades*, uma mordaz compilação do besteirol e dos preconceitos e equívocos que permeiam os livros didáticos italianos.

Umberto Eco, Escritor



Nas aulas de matemática

As possibilidades de uso de jornal na educação não se restringem às aulas de Português ou de matérias cujos conteúdos estão em permanente transformação, como Estudos Sociais. Os jornais são úteis também nas aulas de Matemática, como constata a professora Marília Ramos Centurion, que os utiliza com os alunos da sétima série do Colégio Pueri Domus, de São Paulo. O trabalho começa com a pesquisa em jornais e revistas, para que os alunos aprendam a diferença entre gráficos e outros tipos de informações visuais, como tabelas e diagramas. Em seguida, os estudantes passam a distinguir as peculiaridades de um gráfico e suas características. Num terceiro estágio, os alunos são incentivados a separar os gráficos de acordo com seu interesse. Assim, entendem a importância da Matemática no seu dia-a-dia e a relação que existe entre essa disciplina e outras matérias do currículo escolar.

Jornais e revistas, pela abrangência na abordagem de assuntos de diversas áreas, tornam-se os instrumentos ideais para mostrar aos alunos o quanto a Matemática está presente no seu cotidiano. A professora Marília explica que o tema inicial foi o estudo de gráficos pois, quando os estudantes forem aprender a teoria matemática sobre gráficos, no quarto bimestre, já estarão familiarizados com o seu uso na prática. Outros temas ligados à Matemática e igualmente importantes podem ser ensinados com o auxílio de jornais e revistas: lógica, grandezas, estatísticas e geometria.

FIEJ promove conferência internacional sobre o tema dos Direitos da Criança

Os Direitos da Criança é o tema de uma Conferência Internacional sobre Jornal na Educação promovida pela Federação Internacional de Editores de Jornais (à qual a Associação Nacional de Jornais está afiliada), em Estocolmo, nos dias 14 e 15 deste mês. O evento tem o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

A organização mundial de editores de jornais justificou sua decisão de realizar a Conferência sustentando que os jornais são um dos principais veículos para a liberdade de expressão no mundo moderno e, "se eles querem provar que são relevantes e úteis, especialmente para os jovens, parece que devem mostrar de forma crescente sua preocupação para com o mundo que esses jovens logo herdarão..."

Concurso "LER 1995"

DO OBJETIVO

A Associação Nacional de Jornais - ANJ, através do Comitê de Leitura e Circulação, promove o Concurso "LER 1995", com o objetivo de estimular em crianças e adolescentes o interesse pela leitura de jornal, proporcionando-lhes desenvolver o espírito de cidadania.

DO PARTICIPANTE

O Concurso "LER 1995" é dividido em duas

categorias:

Categoria A - estudantes de 1º Grau. TEMA: "O jornal e os direitos da criança";
Categoria B - estudantes de 2º Grau. TEMA: "O jornal e a formação da cidadania".

DA INSCRIÇÃO

A redação deverá ser encaminhada até o dia 30 de setembro de 1995 para o seguinte endereço:

Concurso "LER 1995"
Associação Nacional de Jornais - ANJ
SCS - Quadra 2 - Salas 603/604
Edifício Oscar Niemeyer
70316-900 - Brasília-DF
O carimbo postal comprovará a data da remessa da redação.
O concorrente participará com uma única

redação, não sendo aceito trabalho em equipe.

O concorrente deverá comprovar ser estudante e indicar nome e endereço completos.

A redação, datilografada em folha branca, sem timbre, deverá ser apresentada em SEIS vias (original mais cinco cópias), com o seguinte número de linhas, conforme a categoria:

Categoria A - de 5 a 20 linhas;
Categoria B - de 15 a 30 linhas.

Obs.: Os originais e respectivas cópias não serão devolvidos.

DO JULGAMENTO

As redações inscritas serão apreciadas por uma Comissão Julgadora, de acordo com

este Regulamento.

O julgamento atenderá preliminarmente os seguintes critérios: fidelidade ao tema proposto, originalidade, criatividade.

Os nomes dos componentes da Comissão Julgadora serão divulgados junto com o resultado do Concurso.

A decisão da Comissão Julgadora é irrecorável.

DO RESULTADO

O resultado do Concurso será divulgado em 25/11/95 pelo Jornal ANJ e pelos jornais associados.

DA PREMIAÇÃO

1º Prêmio o vencedor de cada categoria - A e B - receberá um computador 486 Multimídia.

2º Prêmio os autores dos dez melhores trabalhos (exceto os vencedores) de cada categoria serão contemplados com uma assinatura anual do jornal de sua escolha editado em seu estado.

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

A participação no Concurso "LER 1995" na forma prevista implica conhecer e aceitar as disposições deste Regulamento. Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Organizadora do Concurso.

Fundação Bradesco: uma experiência exemplar

"As empresas, grandes e pequenas, devem pensar no futuro do Brasil, assumindo a manutenção de uma ou mais escolas em sua vizinhança".

Fernando Henrique Cardoso
Presidente da República

Não foi uma caminhada fácil, mas eles venceram. Ricardo Monteiro Fernandes, 27 anos, ex-aluno da Fundação Bradesco em Registro, São Paulo, é administrador de empresas. Edson Luis Falcão Landa, 30 anos, ex-estudante da Fundação em Bagé, Rio Grande do Sul, professor de Educação Física. Alessandra da Cruz Muniz Santos, 23 anos, ex-aluna da Fundação em São Luís do Maranhão, Teóloga. Conceição Aparecida dos Santos, também 27 anos, que estudou na Escola da Fundação em Laguna, Santa Catarina, é advogada. A mesma profissão exercida por Geodivan Pereira Lima, 31 anos, que passou pelos bancos escolares do internato de Canuaná no nascente Estado do Tocantins.

A lista é extensa e condensa a trajetória de estudos de inúmeros alunos que, a partir da Fundação Bradesco, chegaram à Universidade e construíram carreiras bem-sucedidas. Esse time de primeira classe é resultado de um trabalho de longo alcance que busca respostas eficazes para a Educação, sem dúvida um dos maiores desafios para a modernização da sociedade brasileira neste fim de século. Registre-se primeiro os números da atualidade: a Fundação Bradesco, com suas 36 Escolas e ensino gratuito para 95 mil alunos em 23 dos 26 Estados Brasileiros, além do Distrito Federal, oferece Cursos Pré-Escolar, 1º e 2º Graus, Educação Supletiva e Capacitação Profissional.

Aos alunos dos Cursos Pré-Escolar, 1º e 2º Graus, que somam 45.058, proporciona também gratuitamente, alimentação, material escolar e assistência médica-odontológica. Esse quadro de realizações é tão mais eloquente quanto se constata que traduz em 1995 investimentos de R\$ 61.717 milhões, prioritariamente em regiões carentes.

Depois, avalia-se os resultados. Criada em 1956, a Fundação Bradesco, ao longo de 39 anos de trabalho, formou 207.341 alunos. Destes,



23.247 nas áreas profissionalizantes e 153.620 nas áreas de Capacitação. O ensino evoluiu continuamente na oferta de vagas e na qualidade. Quantitativamente, o número de alunos saltou de 68,5 mil em 1990 para 95 mil em 1995. Na ponta da qualidade, as novidades estão relacionadas com a fusão de concepções tradicionais de ensino com métodos inovadores, que colocam o aluno como protagonista central da elaboração do conhecimento.

Combinadas, permitem aos alunos da Fundação Bradesco acompanhar com elevado nível de excelência, os avanços tecnológicos e os incessantes esforços do sistema produtivo para elevar os patamares de produtividade, característicos da moderna economia brasileira. Hoje, no 1º Grau, as atenções estão concentradas na criatividade das crianças, com técnicas de alfabetização que incentivam a participação individual ou em grupo. No 2º Grau, a ênfase recai sobre a profissionalização, com prioridade nas áreas de Administração de Empresas, Contabilidade, Magistério, Eletrônica, Processamento de Dados e Técnico Agropecuário. Os cursos de Capacitação, iniciados em 1986, abrangem 76 modalidades diferentes.

Ao todo, o aluno regular que venha a cursar o 1º e o 2º Graus, ao final terá estudado 11 a 12 anos, se somados os 8 anos do 1º Grau e os 3 ou 4 anos do 2º Grau, a depender do curso. Este cálculo não inclui o período de um ano da Pré-Escola. De qualquer forma, situa os alunos da Fundação Bradesco pelos critérios de tempo-qualidade de ensino, no mesmo patamar dos alunos dos países do Primeiro Mundo.

Filosoficamente, a meta da Fundação Bradesco é uma só: formar educacional e profissionalmente crianças, jovens e adultos, de modo a tornar-se o método dinâmico da ação social do Bradesco entre as comunidades carentes e as oportunidades concretas de ascensão social. Fiel a tal perspectiva, montou uma estrutura que envolve escolas equipadas com salas de aula confortáveis, bibliotecas, laboratórios, cozinhas, áreas de recreação, consultórios odontológicos e oficinas de arte.

As escolas de Canuaná (Tocantins) e Bodoqueña (Mato Grosso do Sul) funcionam em regime de internato. Ambas são Escolas-Fazenda, de elevado padrão técnico. A primeira, inaugurada em 1973, está

numa área de 1.300 hectares. A segunda, em área de 750 hectares, funciona desde 1985. O conceito básico do internato é facilitar o acesso do estudante à educação e ao mercado de trabalho, numa região onde os meios de transportes são precários, as distâncias extremamente longas e a oferta de empregos bastante limitada.

Teoria e prática fazem parte de um mesmo método de aprendizado. Para isso, muito vem contribuindo a leitura de jornais, veículos que traduzem a realidade contemporânea com amplitude, densidade e profundidade, em sintonia com os acontecimentos que marcam, em suas diferentes versões, a nova sociedade globalizada.

A diferença do ensino profissionalizante tradicional é que o aluno também é preparado para enfrentar o vestibular, independentemente de cursinhos, caso deseje fazer um curso universitário. Isto explica a facilidade de absorção dos alunos da Fundação Bradesco pelo mercado de trabalho e, também, o crescente número daqueles que chegam até a Universidade.

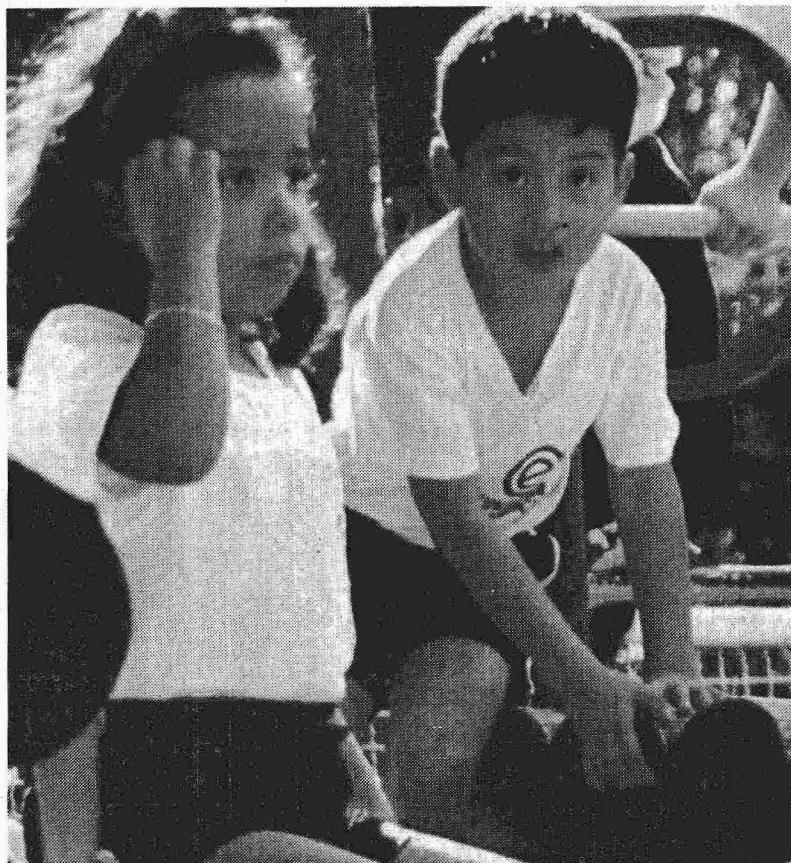
Vejamos o que diz o administrador de empresas, Ricardo Monteiro Fernandes, sintetizando o pensamento dos seus colegas. "Estudei 11 anos na Fundação Bradesco. O que aprendi foi decisivo para o vestibular. Fui aprovado na Pontifícia Universidade Católica. Sem precisar de cursinho. Daqueles anos, ficaram gravadas as noções de responsabilidade, disciplina e iniciativa".

É um testemunho que poderia ser, perfeitamente, assinado por todos os alunos da Fundação, tenham eles cursado ou não a universidade. O importante, o que transpira das afirmações de Monteiro Fernandes, é o conceito de ensino, desenvolvido e organizado, acima de tudo, para ações que promovam a inserção do indivíduo ou da coletividade na atividade produtiva.

É nesse contexto que deve ser entendido o fato da Fundação Bradesco ter se antecipado em cerca de quatro décadas ao apelo do presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, em favor daativa participação da iniciativa privada na melhoria do ensino no país.

CENTRUM

É com estes olhos que a Fundação Bradesco vê o futuro.



Há 39 anos, a Fundação Bradesco vem investindo na formação de milhares de crianças.

Este ano, por exemplo, ela está destinando mais de R\$ 61 milhões para educação de 95 mil alunos da Pré-Escola, 1º e 2º Graus, Educação

Supletiva e Capacitação Profissional.

São 36 Escolas em 23 Estados Brasileiros e Distrito Federal, onde, ano após ano, milhares de jovens têm sido preparados para o competitivo mercado de trabalho.

FUNDAÇÃO BRADESCO